

EDITORIAL

Ciro Flamarion Cardoso*

José Antonio Dabdab Trabulsi, cujos estudos de Graduação em História foram feitos na UFRJ antes de embarcar em brilhante carreira – nacional e internacional – de historiador da Antiguidade Clássica, escreve em seu último livro:

...um aspecto específico do passado longínquo, a política na Antiguidade Clássica, apresenta um interesse evidente para nossa democracia na atualidade. Não se trata, evidentemente, de propor “lições de História” simplistas, do pasado em direção ao presente, já que cada experiência histórica é singular e específica. Mas o exercício pode ser proveitoso nos dois sentidos: injetar um problema contemporâneo no estudo do passado, num exercício de anacronismo controlado, é um modo útil de iluminar uma experiência longínqua no tempo, tornando-a cheia de sentido para os contemporâneos; outrossim, estudar práticas do passado pode ser um meio interessante de renovar práticas presentes, mostrando que, em certos contextos, um outro caminho é possível (TRABULSI, 2006, p. 10).

Assinala ainda que, no relativo à participação política, as atuais democracias liberais fracassaram. Devido a isto, “no futuro, para conservar aquisições valiosas, será preciso inventar outra coisa do ponto de vista da participação e, para tanto, examinar a democracia ateniense é um exercício útil” (TRABULSI, 2006, p. 18).

Simpatizo plenamente com a atitude que relaciona deste modo pertinente presente e passado. Também seria possível encarar o interesse pelas experiências passadas, já que estamos no campo dos estudos clássicos, simplesmente citando, mesmo se em contexto diferente do original, a frase

* CEIA/UFF.

famosa proferida por personagem de Terêncio: *Homo sum, et humani nihil a me alienum puto* ("Homem sou, e nada do que é humano considero estranho a mim"). Por que estranha razão se deveriam descartar milênios de interessantíssimas experiências humanas?

Forçoso é constatar, no entanto, que muitos não pensam assim. Desde meus próprios dias de estudante de Graduação na UFRJ, de 1962 a 1965, fui forçado a constatar a existência de uma opinião contrária que aparece, a seguir desaparece (ou se esconde), só para reaparecer adiante: a de que os estudos de História, num país como o nosso, deveriam concentrar-se exclusivamente nos séculos XVI a XXI... depois de Cristo! Não creio que esta postura, sendo tão primária e burra quanto é, mereça que se polemize com ela. Lembrei-a unicamente para salientar que, além de todos os óbices habituais no Brasil ao se pretender criar e sustentar um centro de pesquisa, ao se tratar de um núcleo de estudos na área da Antiguidade será preciso contar com obstáculos e resistências adicionais.

O Laboratório de História Antiga (LHIA) – uma unidade de pesquisa, ensino e extensão vinculada ao Departamento de História da UFRJ, destinada a desenvolver a pesquisa, o ensino e a divulgação do conhecimento em História da Antiguidade – existe oficialmente desde sua formalização em 1993. Apresta-se, portanto, a completar 15 anos de existência. Este editorial é o primeiro ato de comemoração da façanha configurada por se conseguir manter, há uma década e meia até agora, não sem muitas dificuldades e um esforço insano, um Laboratório que cumpriu sobejamente todas as tarefas que chamou a si nos três domínios constitucional e corretamente declarados como sendo o âmbito por excelência da ação das universidades brasileiras – ensino, pesquisa e extensão –, universidades estas ora em luta renovada contra as sempiternas tentativas de reduzi-las a meros escolões de terceiro grau. No LHIA vemos um Laboratório que, há 13 anos, publicava regularmente, todos os anos, a revista *Phoênix*, que já conquistou merecidamente o seu lugar como principal publicação brasileira no setor histórico dos Estudos Clássicos. Um centro de intensa atividade pelo qual passaram, até agora, cento e cinquenta estudantes pelo menos, em busca do apoio e da orientação dos professores que, em número crescente, compõem, do lado docente, o quadro notável do LHIA. Desses numerosos alunos, mais de trinta dirigiram-se depois aos estudos de Pós-graduação *stricto sensu* – Mestrado, às vezes também Doutorado –, na própria UFRJ ou em outras universidades. Destes últimos, cerca de vinte trabalham, na atualidade, em

universidades públicas. Trata-se de um núcleo que, em seus atarefadíssimos 15 anos, abrigou 17 ciclos de debates (contando o de 2007) e 15 cursos de extensão, gerando, mediante seu labor incessante, sete livros coletivos e 11 livros individuais. Além do mais, o LHIA não só precedeu como preparou a criação, mais recentemente, do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA) da UERJ.

Ao ser convidado a redigir este editorial comemorativo, aceitei com prazer por diversas razões. A força maior do LHIA, sem a qual ele não teria vindo a existir, a Prof^a. Neyde Theml, minha amiga há décadas, foi minha contemporânea da época da Graduação; cheguei, mesmo assim, a tê-la como aluna no primeiro ano em que atuei no ensino universitário, em 1966. O setor temático de História Antiga e Medieval do Programa de Pós-graduação em História da UFF, onde atuo, criado em 1988, formou vários dos doutores ora atuantes no LHIA. Juntos, o Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA-UFF), o LHIA e o NEA realizamos na UFF, há alguns anos, um curso de Especialização em História e Cultura Antigas que durou 13 meses e teve tanto êxito que, desde então, todo o tempo recebemos telefonemas e e-mails de pessoas impacientes por sua recondução (que, no momento, se prepara na UERJ). A *Phoînix*, desde o seu primeiro número publicado em 1995, vem acolhendo de braços abertos os artigos oriundos do setor de História Antiga da UFF, como também acontece com a produção dos outros centros brasileiros ativos nos estudos da Antiguidade; e, crescentemente, recebe artigos provenientes de outros países. Convivemos em incontáveis bancas e eventos, em nossas próprias universidades respectivas e em outras. Sendo assim, é para nós do CEIA-UFF – que, em 2008, estaremos completando a nossa primeira década – motivo de grande satisfação fazer-nos presentes nas atividades que começam desde já a recordar os 15 anos de fértil existência do LHIA, núcleo pioneiro, no Grande Rio de Janeiro, no relativo aos estudos da Antiguidade. A comemoração do LHIA é nossa comemoração também.

Bibliografia

TRABULSI, J. A. D. **Participation directe et démocratie grecque: Une histoire exemplaire?** Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2006.